

INTRODUÇÃO

Como vamos estudar apenas a **Besta que sobe da terra** (Apocalipse 13:11-18), de antemão, é bom saber que os versos anteriores, Apocalipse 13:1-10, retratam aspectos do Antigo Império Romano. Então, considerado a sequência da narrativa profética, temos que buscar a explicação dos versos 11 a 18, na história imediatamente posterior à queda do Império Romano. A interpretação tem que casar a sequência da narrativa profética com a sequência da narrativa histórica. Não devemos, a bel prazer associarmos com qualquer outro momento da história.

Outra forma que não siga esta condição básica é torcer a interpretação. Assim, se os versos 1 a 10 falam do Império Romano, os versos de 11 a 18 falam do **Sacro Império Romano**. Ele é o reino que se seguiu ao Império Romano. Esta é a sequência da história e também a sequência da profecia, como ficará comprovado a seguir:

E VI SUBIR DA TERRA OUTRA BESTA, E TINHA DOIS CHIFRES SEMELHANTES AOS DE UM CORDEIRO; E FALAVA COMO O DRAGÃO. (VERSO 11)

A BESTA: Significa um reino, uma nação, um povo, conforme Daniel 7:17. Está em evidência o Sacro Império Romano (800-1806). O Sacro Império Romano teve duas fases: primeiro como Império Franco (800-911), iniciado em Carlos Magno e depois como Império Germânico (962-1806), iniciado em Oto I. Ele surgiu como restauração do Antigo Império Romano (168 a.C – **476.d.C**), que havia caído sob as levantes bárbaras.

Na citação que segue (Walker, p. 267), confirma que o surgimento do Império Franco foi a restauração do Antigo Império Romano:

“Não é de surpreender, por conseguinte, que o Papa Leão II (795-816), grande devedor de Carlos Magno, em virtude da proteção por este concedida contra as ameaças dos nobres romanos, houvesse colocado sobre a fronte do rei dos francos a coroa imperial romana, na igreja de São Pedro, no dia de Natal de 800. Tanto para o povo romano que presenciara a cerimônia como para o Ocidente em geral, era a restauração do império do Ocidente, o qual durante séculos estivera sob o poder do governante sediado em Constantinopla. O ato colocou Carlos Magno na grande linha sucessória que remontava a Augusto. Atribuiu também ao império caráter teocrático. Inesperadamente, e, na época, não muito ao gosto de Carlos Magno – era a encarnação visível de um grande ideal. O Império Romano, imaginava-se nunca morrera, e agora a sagração havia sido concedida da parte de Deus, pelas mãos do seu representante, a um imperador ocidental.”

SUBIU DA TERRA: Porque ocupou o território da *outra besta*, o Antigo Império Romano. Descarta-se, então, a possibilidade de ser os Estados Unidos, Israel e qualquer outra nação.

TINHA DOIS CHIFRES DE CORDEIRO: Os chifres representam poderes. Veja Daniel 7:24. Neste caso, os poderes espirituais e temporais exercidos pelos Imperadores que se consideravam representantes de Deus na Terra.

Os imperadores agiam ao mesmo tempo como reis e sacerdotes. Eles submetiam a Igreja a seu domínio. Mais tarde, o papado assumiu estas características e passou a submeter os imperadores à sua vontade. Esta passagem, também pode ser entendida, sem prejuízo nenhum, como o poder dos Imperadores e o poder dos Papas separadamente. A característica de “cordeiro” é pelo fato de ser um reino cristianizado.

A História mostra o Imperador como um sacerdote-rei, portanto, com poderes temporais e espirituais. Algumas citações históricas: “Durante o reinado de Carlos Magno, a igreja esteve submetida ao poder imperial, pois Carlos Magno considerava-se ao mesmo tempo rei e sacerdote” (Arruda).

“O monarca encarava o seu novo papel como algo bem diferente daquele dos antigos romanos, pois via-se não apenas como imperador, mas como um imperador cristão.” (Banfiel, p. 69) “Raras vezes um homem teve tanto poder, seja espiritual ou temporal, ou conseguira realizar tantos feitos.” (Banfiel, p. 75).

E FALAVA COMO DRAGÃO: Várias vezes aparecem no Apocalipse expressões como “boca”, “vozes”, “falar”, etc. sempre ligados com uma mensagem. Os quatro animais falaram (Apoc. 6:1), os “trovões” falaram (Apoc. 10:4), a primeira “besta” recebeu uma boca para falar. (Apo. 13:5).

“Falar” é a condição para se emitir uma ordem. Então, “falar” é uma figura de ordenar, ou de legislar. “Dragão” é a cultura das nações (Apoc. 12:9, 13:1). Apesar de se considerar cristão, o Sacro Império Romano elaborou muitas leis com base na cultura pagã e impunha aos homens como se elas fossem divinas. O grande mérito de Magno foi o de legislador e dedicou-se imensamente a codificar as leis de diversos povos e a compor sermões, nos quais exortava o povo à obediência das leis da Igreja. O Papado também emitiu muitas ordenanças, principalmente religiosas, que **misturavam os ensinamentos pagãos com os cristãos.** Por essas características históricas é que **a Besta “falava como Dragão”.**

O Imperador legislou com base na cultura pagã e ensinou o povo a obediência a Igreja. A História comprova que o Império Franco é a Besta de

chifres semelhantes ao de cordeiro, mas que falavam como dragão. “O grande mérito de Carlos Magno foi, sobretudo, o do legislador.” (Pierrard, p. 72). “Dedicou-se intensamente à codificação e ao esclarecimento das leis dos diferentes povos sobre os quais reinava, para que tais leis pudessem ser interpretadas com mais facilidade.” No final de sua vida “passou a dedicar a energia que lhe restava à composição de longos sermões, nos quais exortava seu povo à humildade e também à obediência das leis da Igreja.” (Banfiel, p. 70).

Estas passagens retratam o surgimento do Império Franco, com seu rei Carlos Magno. Ele era o sacerdote-rei de um reino teocrático e legislava tanto no aspecto temporal como no espiritual. Profecia cumprida!

E EXERCE TODO O PODER DA PRIMEIRA BESTA NA SUA PRESENÇA, E FAZ QUE A TERRA E OS QUE NELA HABITAM ADOREM A PRIMEIRA BESTA, CUJA CHAGA MORTAL FORA CURADA. (VERSO 12)

TODO PODER DA PRIMEIRA BESTA NA SUA PRESENÇA: Significa governar com a mesma autoridade e no mesmo território do Antigo Império Romano e na mesma linhagem de poder. Não podia governar através do mar onde Roma nunca tinha governado. Novamente, descarta-se qualquer outra nação que não esteja em território europeu, principalmente os Estados Unidos, como algumas interpretações sugerem. A coroação de Carlos Magno como imperador romano é o restabelecimento da linha sucessória dos césares. Como disse Walker, “o ato colocou Carlos Magno na grande linha sucessória que remontava a Augusto.” Portanto, **“todo poder da primeira besta”**.

ADOREM A PRIMEIRA BESTA, CUJA CHAGA MORTAL FORA CURADA: “Chaga” significa ausência de poder político, ou falta de influência de qualquer ordem. **Veja Jeremias 30:17.** O fato é que não existia imperador em Roma desde o final do século V, somente em Constantinopla, no Oriente. Roma não tinha influência política. A coroação de Carlos Magno fez renascer a sucessão de imperadores no ocidente, **curando a “chaga mortal”, da cabeça ferida para morte da primeira besta.** A sociedade europeia da Idade Média, que há muito tempo não tinha um imperador, voltava a ser governada como no tempo dos césares, **reabilitando o poder de Roma**, mesmo que este governo não era sediado na cidade, mas era “na sua presença”.

Longa vida e vitória a Carlos Augusto, coroado por Deus, poderoso imperador dos romanos e amante da paz! (...) Era o renascimento de uma antiga tradição de acordo com a qual se sagrava o imperador de Roma. Desde o assassinato de Oreste em 476, mais de trezentos anos antes, isso

não acontecia. Mas naquele momento Roma escolhia um novo imperador. Nascia, assim, o **Sacro Império Romano**.” (Banfiel, p. 65).

Voltemos à citação de Walker acima que comprova a restauração de Roma. “Tanto para o povo romano que presenciara a cerimônia como para o Ocidente em geral, era a restauração do império do Ocidente, o qual durante séculos estivera sob o poder do governante sediado em Constantinopla. O ato colocou Carlos Magno na grande linha sucessória que remontava a Augusto.”

Não há dúvidas de que o Sacro Império Romano era igual ao império dos césares, com a mesma autoridade e no mesmo território. Na verdade, “trazia” de volta aos romanos o Antigo Império, que deveras nunca morrera do coração dos latinos. A “chaga mortal” era curada.

E FAZ GRANDES SINAIS, DE MANEIRA QUE ATÉ FOGO FAZ DESCER DO CÉU À TERRA, À VISTA DOS HOMENS. (VERSO 13)

E FAZ GRANDES SINAIS, DE MANEIRA QUE ATÉ FOGO FAZ DESCER DO CÉU À TERRA, À VISTA DOS HOMENS. “Grandes sinais” são grandes acontecimentos históricos. Muitos estudiosos entendem que são curas milagrosas realizadas por seres humanos e que desce fogo literal do céu. Isto não pode ser, pois a **Besta é um reino**, não uma pessoa! Portanto, estes sinais não são curas humanas, ou qualquer coisa do gênero. Devemos buscar o sentido. Estes sinais foram reformas religiosas e culturais lideradas por Carlos Magno e principalmente pelas abadias de Cluny, Cister e Clairvaux. Pois, os “sinais” estão relacionados com “fogo”.

Então, a palavra-chave a ser entendida é “**fogo**”. Em muitos lugares da Bíblia a palavra é empregada no sentido de **conhecimento e sabedoria**. Veja estas passagens em sua bíblia: **Daniel 12:3; Mateus 5:14; 13:43; Atos 13:47; João 1:9; II Coríntios 4:6; Mateus 3:11; Lucas 12:49; Salmos 39:3.**

O fogo literal produz a luz, o brilho. A evolução da cultura é um fenômeno do espírito do conhecimento humano e também é retratada literalmente como luz, brilho etc. Os sinais operados pela Besta de 2 chifres são as reformas culturais e ascéticas que o imperadores e abades promoveram em contraposição ao mundo de trevas que reinava. Basta entendermos os significados do “fogo” para concordarmos com a história. É muito fácil entender os motivos destas reformas. As invasões bárbaras trouxeram a decadência da cultura romana, dando origem à Idade das Trevas. Poucos homens, naquele tempo, sabiam ler ou escrever, inclusive o próprio imperador Carlos Magno.

As trevas se amontoavam sobre o cristianismo. Também, a Igreja estava totalmente corrompida por causa do comportamento de seus clérigos. Muitos bispos eram instituídos por dinheiro, a chamada simonia, e outros com casamentos irregulares, o nicolaísmo. As reformas vieram para corrigir este estado de ignorância do povo e podridão religiosa. A efervescência cultural e religiosa que se espalhou por toda a Europa por volta do ano 1000 é o cumprimento dos **“grandes sinais” operados pela besta que até “fogo” fez descer do “céu”**.

As trevas que se amontoavam sobre o cristianismo iam-se tornando cada vez mais espessas à proporção que os anos iam passando, e no princípio do **século sétimo a ignorância do clero e a superstição do povo eram extraordinárias**. O decreto de Gregório o Grande, pelo qual se impedia a continuação dos estudos profanos, produziu este resultado deplorável, cuja importância se podia avaliar pelo fato de que muitos padres nem sabiam escrever seus próprios nomes. A língua grega estava quase esquecida; até a Bíblia pouco se lia.” (Knighth, p. 90).

Embora fosse um homem de ação e de comportamento rude, Carlos dava muita importância ao desenvolvimento intelectual e ao enriquecimento da alma. (...) Ansioso por difundir o conhecimento, fundou uma escola no palácio para a qual convidou os sábios de todo o reino (...) e usou a própria escola do palácio para treinar professores, que iriam se estabelecer nas escolas fundadas nas muitas abadias que havia pelo reino. **Essas abadias; residência e lugar de oração dos monges; eram também centros de cultura e conhecimento.**” (Banfiel, p. 51)

Já é suficiente para entender que este “fogo” é o conhecimento disseminado pelo Sacro Império Romano. Mas, veja estas citações em que o próprio historiador coloca a cultura como um brilho:

Quando Carlos Magno subiu ao trono, as escolas mais importantes da Europa ocidental eram ligadas aos mosteiros das Ilhas Britânicas. Foi na Inglaterra que o genial monarca mandou buscar o seu principal assistente intelectual e literário. Alcuíno (735-804), que havia estudado em York, onde provavelmente nasceu. De 781 até a data de sua morte, excetuados breves períodos de interrupção, foi o principal auxiliar de Carlos Magno na obra de promoção de um verdadeiro renascimento da cultura clássica e bíblica, a qual **atribuiu ao reinado um brilho** jamais visto antes, e elevou a **vida intelectual do Estado Franco.**” (Walker, p. 268).

Carlos Magno reinou durante uma época que, devido à decadência acentuada na educação, nas artes e na ciência, ficou conhecida na História como Idade das Trevas. Mas, naquela longa noite de barbarismo, seu reino **fulgurou com uma tocha incandescente, iluminando a escuridão.**

O incentivo à difusão do conhecimento, da ciência e da literatura, os esforços para tornar a Igreja um centro de unidade e cultura, a consolidação das leis e dos hábitos diferentes culturas existentes no seu império, tudo isso deixou uma marca indelével nas gerações que o sucederam”. (Banfiel, p. 77) “No entanto, na medida em que se tornava mais evidente a derrocada do império de Carlos Magno, desvaneciam-se não só essas controvérsias, como também a vida intelectual da qual haviam brotado. Por volta de 900, um novo barbarismo extinguiu quase que por completo a **luz que brilhara** um século antes.” (Walker. p. 271).

Mas havia algo a mais neste “fogo”. Ele descia do “céu”. E o que isto acrescenta? Que este “fogo” está relacionado com o celestial, com coisas divinas. Neste caso, especificamente, o ensino da teologia bíblica, e de certa forma, também com a vida ascética dos monges. O ensino da teologia nas abadias e catedrais fez surgir um movimento chamado escolasticismo, que foi um método de estudo da Bíblia com base nas filosofias platônicas. **O escolasticismo é o “fogo” que desceu do “céu”.**

Era um método de pesquisa filosófica e teológica que objetivava uma melhor compreensão dos preceitos cristãos pelo processo da definição e da argumentação sistemática (...). Os escritos de Aristóteles (traduzidos do grego para o latim por Boécio) e de Santo Agostinho tiveram papel de destaque no desenvolvimento do pensamento escolástico.” (Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, v. 1, p. 306).

Vamos ver algumas passagens da história que comprovam isso. “A preocupação [de Carlos Magno] com a educação dos francos se devia em grande parte à importância que dava ao bem estar espiritual e moral, e um dos principais objetivos das escolas que fundara era divulgar a leitura da Bíblia.” (Banfiel, p. 54). Mais tarde, “por volta dos primeiros anos do século X, iniciava-se um verdadeiro reavivamento ascético da religião. Durante mais de dois séculos esse reavivamento haveria de crescer em força. Seu primeiro exemplo eminente foi a fundação, em 910, do mosteiro de Cluny.” (Walker, p. 283). Por volta do século XIII, “seguindo o espírito geral da época, as escolas em vários lugares se associaram: formaram professores e alunos uma corporação, com o nome de universidades. A primeira de todas, e mais célebre, foi a de Paris, que chegou a ter muitas centenas de alunos, procedentes de diversos países. (...). Começadas no fim do século XII, as universidades logo se multiplicaram: em menos de dois séculos contavam-se na Europa cerca de cinquenta...” (Silva. p. 215) “E com este aumento, iniciou-se a aplicação dos métodos da lógica ou da dialética na discussão dos problemas teológicos, o que resultou em novo e fértil desenvolvimento intelectual”. (Walker, p. 232).

Entre discórdias e diversos pontos de vista teológicos, a filosofia neoplatônica foi aplicada ao estudo da Bíblia. “Uma combinação do uso moderado do método dialético com intenso misticismo neoplatônico se encontra na obra de Hugo de S. Vitor (1097-1141)”. O método filosófico do estudo de Deus tomou conta em São Tomás de Aquino. “Segundo Aquino, com quem o escolasticismo alcançou o apogeu, o alvo de toda investigação teológica é proporcionar conhecimento de Deus e da origem e destino do homem. Esse conhecimento se obtém, ao menos em parte, pela razão – teologia natural. Entretanto essa conquista da razão não é completa. É necessária que seja ampliada pela revelação. **Esta se encontra nas Escrituras, que são a única autoridade final. São elas, porém, entendidas à luz da interpretação dos concílios e dos Pais.**” (Walker, p. 343).

Os “grandes sinais” operados pela Besta são as reformas culturais no Santo Império Romano. Sendo grandes, são notáveis na história. Estes sinais são as reformas carolíngia e cluniense que a História registra como os feitos mais fabulosos ocorridos no seio do Sacro Império. Ela fez “fogo” descer do “céu à Terra, à vista dos homens”, significando que eles seriam iluminados por conhecimentos relacionados com o divino. **Contudo, estes não se baseavam unicamente na Bíblia, mas em filosofia humana.**

A IMAGEM DA BESTA – VERSOS 14 e 15

ENGANA OS QUE HABITAM NA TERRA: Quem tem o conhecimento, tem maior poder de enganar. Estes sinais, como entendido acima, são as reformas culturais. Estas reformas resultaram na criação das escolas nos mosteiros e catedrais e também criaram um verdadeiro exército de monges, que utilizavam os métodos filosóficos dialéticos neoplatônicos para adquirir conhecimento. Com este conhecimento, eles passaram a controlar a população leiga. Foi a partir do sistema educacional estabelecido nos mosteiros que a “Besta” enganava os que “habitam na terra”.

Vamos entender a influência que este sistema teve sobre o povo leigo. No duodécimo século, as abadias se alastraram pela Europa. Cluny era a mais influente. Cister e Clairvaux também estavam entre as influentes. Cluny era uma abadia-mãe com mais de 2.000 abadias afiliadas. Além destas três principais, houve muitas outras abadias que formavam o sistema monástico. Nas abadias e catedrais, professores se multiplicavam e se rodeavam de alunos. Um tal de Abelardo, cônego de Notre Dame, tinha tantos seguidores como jamais um conferencista conseguira ter, segundo Walker.

Cluny foi o resultado da doação de terras de um rico senhor feudal para a construção de um mosteiro autônomo a qualquer autoridade civil ou religiosa. Foi governada por uma série de abades notáveis, tornando-se de

uma inovação no sistema monasterial. Cluny obteve tanta influência quanto as ordens dos dominicanos e jesuítas mais tarde.

Foi considerável a influência da ordem cluniense sobre a civilização ocidental, a tal ponto que, sem exagerar, era possível falar de “centro real da Igreja” e de “espiritual da Europa” (...) foi através de seus antigos monges tornados papas que Cluny agiu mais fortemente sobre uma cristandade enfraquecida.” (Pierrard, p. 81 e 82).

DIZENDO AOS QUE HABITAM NA TERRA QUE FIZESSEM UMA IMAGEM

À BESTA: Ela, a “Besta”, o Sacro Império Romano, representada por seus funcionários públicos, que em sua imensa maioria eram os monges que formavam a elite pensante, incutiu na mente da população laica, inclusive dos funcionários seculares; que não podiam ser comparados em conhecimento com os clérigos; **a ideia de uma república cristã onde o Papa seria o supremo rei e sacerdote de toda a humanidade, como eram os antigos césores romanos.**

Hildebrando foi o maior articulador deste projeto. “Os seus planos eram mais vastos, e, num sentido, menos egoístas; só a instituição de uma permanente hierarquia, **com autoridade ilimitada sobre todos os povos e reinos na face da Terra, poderia satisfazer a sua ambição.** Sim, ele queria organizar um poderoso estado eclesiástico, que governasse os destinos dos homens – uma poderosa teocracia ou oligarquia espiritual, com o poder de instruir o povo nos seus dogmas infalíveis, para obrigar as suas consciências a dar força à sua obediência; **um estado cujo governador fosse supremo sobre todos os governadores do mundo,** elegendo e depondo reis à sua vontade – pondo interdição a províncias e reinos inteiros, e sem que ninguém ousasse opor-se a isto. **Em suma, um vice-regente de Deus na Terra, que não pudesse errar, de quem não se pudesse apelar!**” (Knight, p. 128).

Pouco a pouco, forma-se entre as elites pensantes – que eram todas da Igreja – a ideia da criação de uma República Christiana que, sistematicamente, introduziria noções evangélicas no Direito e nas instituições. Esse Império, herdeiro do Império Romano, deveria ser colocado nas mãos de um homem que a Providência designaria ao Papa – que, depois de Gregório o Grande, aparecia como a mais alta autoridade do antigo mundo romano.” (Pierrard, p. 69).

A igreja era a instituição universal da época e o Papa, como seu cabeça, exercia em consequência tão grande autoridade do que qualquer outro aspirante. Em muitos sentidos, na verdade, a igreja era comparada com o Antigo Império Romano, cujo território e organização administrativa tinha se sobreposto e (...) **Todos consideravam o Papa como consideravam o Imperador.** **A igreja tinha este sistema legal e interno. O clero secular**

correspondendo para a administração burocrática do Império e à cabeça centro de tudo isto assistindo sobre o mundo inteiro, interferindo em tudo, exercendo poder temporal também quanto autoridade espiritual, recebendo notícias, perguntas e apelos de todas as partes e reservando para si mesmo a solução de todas as questões, em último recurso, estabelecendo Inocêncio III com a autoridade de um Trajano ou um Diocleciano.” (Lynn Thondyke. The history of medieval, p. 434,435. Citado por Remington)

A influência intelectual dos monges, a participação do clero na administração pública, o poderio econômico da Igreja, a importância política que os sistemas monasteriais possuíam, os planos políticos e eclesiásticos que elaboraram, **implicou-se na construção de uma “imagem à besta”. Os clérigos detinham poder sobre a sociedade e “enganavam” seus habitantes**, dizendo que elaborassem um governo semelhante ao romano, que tinha um sacerdote-rei sobre os homens. Isto foi conseguido depois de 250 anos de muita luta entre o papado e os poderes temporais. Em Hildebrando (1073) o papado se firmava como o soberano da Europa. **Era a “imagem da besta”, só faltava falar.**

Concedido que desse espírito à imagem da besta, para que a imagem a falasse, e fizesse que fossem mortos os que não adorassem a imagem da besta. Deus soprou seu espírito no homem ele se tornou alma viva, (conforme Gênesis 2:7). Dar espírito significa dar vida própria, autonomia de vida. **Este “espírito”, autonomia, se deu através da transferência gradual de poder das mãos dos imperadores para o papado.** As ordens monásticas serviram de base para este processo. Foi na abadia de Cluny que se concretizou a ideia da supremacia papal e foi resultado de um secular debate.

A questão central era sobre o direito de instituir poder aos bispos: era do papa, ou do imperador? O papado obteve, até certo ponto, a vitória e passou a controlar os bispos. Como estes eram em sua imensa maioria senhores feudais, ou agentes do governo, boa parte das terras da Europa, bem como uma imensa força política ficou sob a tutela do papa. A partir daí, o sistema administrativo papal alcançou um grau de aperfeiçoamento tal que era superior ao do Antigo Império Romano. Com mais poder, a “imagem da besta” estava pronta para “falar”, isto é, **criar leis, ordens e normas para a sociedade**. O ápice deste poder de “falar” da “besta” foi a SANTA INQUISIÇÃO, quando ela fez com que fossem mortos **“os que não adorassem a imagem da besta”**.

O papado livrou-se da influência dos imperadores, depois de um longo debate em torno da questão da eleição papal, dos bispos e demais clérigos, conhecida na história como “a querela das investiduras”. **O teor desta questão era a influência do poder temporal sobre o espiritual e vice-versa.**

Até Henrique III foram os imperadores que nomearam os papas e bispos. Mas com sua morte, deixando em seu lugar um filho com apenas seis anos, o papado aproveitou para reverter a situação, nomeando Hildebrando como papa através do Colégio de Cardeais. Vejamos como foi este processo.

No final da Alta Idade Média, a igreja começou a libertar-se da dominação política. Iniciou-se, então, um período de supremacia do poder espiritual sobre o poder político, que se estenderia pela Baixa Idade Média” (Arruda, p. 344) “Sem controle sobre os bispos, o imperador perdia o controle sobre os duques. Ao mesmo tempo, uma grande parcela das terras da Alemanha passava para o controle da Igreja. Começava o período de supremacia do poder papal sobre o poder político dos governantes da Europa; essa supremacia se acentuou-se mais no período seguinte, a Baixa Idade Média.” (Arruda, p. 348).

As instituições políticas romanas baseavam-se nas cidades, das quais dependiam as regiões rurais circunvizinhas. A organização cristã seguiu a mesma regra. Os distritos rurais dependiam dos bispos das cidades ou elementos por eles nomeados, e por eles pastoreados exceto nos casos em que haviam ‘bispos rurais’, como no Ocidente (...) Por volta do século VI deparamos com a origem do sistema paroquial na França (...) Ali o sistema expandiu rapidamente, sendo estimulado pelo costume de os grandes proprietários de terras fundarem igrejas (...) Além disso, ao tempo dos primeiros carolíngios, graças as constantes doações de terras, as propriedades da Igreja haviam crescido ao ponto de ocuparem um terço da área da França (...) Carlos Magno renovou e expandiu o sistema metropolitano, que havia caído em desuso. No começo do seu reinado havia um único metropolitano em todo o reino franco. No fim, o número havia atingido vinte e dois. Os metropolitas passaram a ser chamados, em geral, de arcebispos.” (Walker, p. 271 e 272).

A igreja integrou-se ao sistema feudal através dos mosteiros, cujas características se assemelham às dos domínios dos senhores feudais (...) A ruralização da economia da Idade Média obrigou a Igreja a deslocar-se para o campo. Os bispados e os abades se transformaram em verdadeiros senhores feudais (...) Além disso, a Igreja tinha o monopólio da cultura. **Saber ler e escrever, na Idade Média, era um privilégio de bispos, padres e monges.** Dessa forma, os membros do clero começaram a participar da administração pública, exercendo as funções de notários, secretários, chanceleres. A organização dos domínios da Igreja atingiu um **grau bastante aperfeiçoado.** Era um modelo que os membros da nobreza leiga não conseguiam imitar. Além da autoridade moral, a Igreja começava a exercer influência na administração financeira dos principados medievais.” (Arruda, p. 339, 367).

Esta transferência gradual de poder das mãos dos imperadores para o papado deu vida à imagem da besta. Antes eram os imperadores que escolhiam os bispos de seu reino e elegiam o papa. Agora, os papas já controlavam os abades que dominavam boa parcela das terras da Europa. Era a supremacia papal estabelecida. A partir de então, eles, os papas já não mais se submetiam aos imperadores e iriam fazer o que bem entendessem, excomungando reis e interditando reinos. Veja o caso de humilhação do Imperador Henrique IV quando suplicava o perdão do papa.

A resposta de Hildebrando (Papa Gregório VII) tornou-se um dos mais famosos decretos papais da Idade Média. No sínodo romano de 26 de fevereiro de 1076 **excomungou Henrique**, negou-lhe a autoridade sobre a Alemanha e a Itália, e absolveu todos os seus súditos dos seus juramentos de lealdade. Foi a mais ousada afirmação de autoridade papal jamais feita.” (Walker, p. 296).

A excomunhão de Henrique o obrigou a ir, em pleno inverno, a Canossa onde se encontrava o papa, e depois de três dias de penitência com pés descalços no portão do castelo foi recebido pelo papa graças a intercessão de alguns amigos. Este foi o maior ato de humilhação sofrido por um rei medieval ante o poder da Igreja. Inocêncio III (1198) não foi menos feliz na humilhação dos imperadores. Interditou a França e a Inglaterra e excomungou o Rei João, galgando o cimo do poder terreno.

A imagem da besta falou, isto é, criou leis que obrigavam os homens a uma obediência irrestrita ao sistema de governo papal. Quem não obedecesse seria morto. A Santa Inquisição foi um meio idealizado para descobrir quem eram os “fora-da-lei”. Este foi o mais terrível tribunal que a humanidade pode conhecer. Não havia direito de defesa.

Mas quando Inocêncio III subiu ao trono de S. Pedro no ano de 1198, ele resolveu suprimir o movimento “herético”. A máquina que o Papa inventou para este fim, foi a “Santa Inquisição” e seu instrumento foi Guzman Domingos, um espanhol, depois canonizado e conhecido como São Domingos. [No princípio foi usado para esmagar a fé dos Albigenses nas províncias no sul da França, mas espalhou rapidamente a outros países com Alemanha, Boemia, Itália e Espanha. O papa Inocêncio IV, no ano 1252, aprovou o uso de tortura para extorquir confissões.](#)” (Knight, p. 171).

Desde 1229 a “**Santa Inquisição**” tornou-se a máquina mais formidável de tirania religiosa que o mundo jamais vira. Seus procedimentos deram-se em segredo, advogados não eram permitidos, nem testemunhas chamadas! O motivo foi de extorquir confissões de crimes ou heresias por meio de abatimento moral e físico da vítima. Para obter este fim os meios mais iníquos e revoltosos foram empregados sem escrúpulos. Foram usados

sutilezas, mentira, engano e torturas cruéis. Eram três graus de castigo: Aqueles que fizessem submissão completa eram admitidos à penitência. Aqueles que não deram satisfação completa foram encarcerados para a vida. Todos os que recusaram a confessar foram condenados a ser queimados.” (Knight, p. 171 e 172).

Quanto à Igreja, para extirpar a heresia, teve que recorrer à Inquisição, que, depois do processo de investigações, havia tomado, ao tempo de Lúcio III (1184), uma forma mais precisa: os heréticos obstinados já poderiam ser entregues, pelos juízes da Igreja, à autoridade secular, mas apenas no século XIII, quando uma severa inquisição monástica foi instituída pela Santa Sé, com a ajuda das ordens mendicantes, a expressão ‘braço secular’ e a condenação à morte na fogueira passaram definitivamente para a legislação e o vocabulário inquisitoriais.” (Pierrard, p. 102).

A inquisição se desenvolveu rapidamente até se tornar um órgão temível. Agia secretamente, os nomes dos acusadores não eram levados ao conhecimento dos prisioneiros os quais por uma bula de Inocêncio IV, datada de 1252, eram passíveis de tortura. O confisco dos bens do confessante era um dos seus mais odiosos e economicamente destrutivos aspectos. E, sendo as autoridades seculares participantes deles, fez com que fosse mantido vivo o fogo da perseguição, que de outro modo se extinguiria.” (Walker, p. 325).

A “**imagem da besta**” foi um sistema de governo elaborado pela sociedade européia semelhante ao governo do Antigo Império. Teve o apoio da sociedade em geral, mais precisamente a sociedade clerical. A formação deste sistema foi um processo gradativo que durou do século IX até final do século XI. *Através do movimento escolástico, com o apoio intelectual do sistema monasterial que também tinha a propriedade de boa porção das terras europeias, foi incutido na mente da sociedade a ideia de uma república cristã. Isto contribuiu para a vitória papal na questão da investidura dos bispos.* A influência papal sobre o clero aumentou enquanto a dos imperadores diminuiu. O sistema papal ganhou forças para promulgar leis. Quem não se submetesse a estas ordenanças da Igreja era passivo de tortura e até morte na fogueira. **A “imagem da besta” estava consolidada e fazia que fossem mortos os que não adorassem.**

O SINAL E O NÚMERO DA BESTA – VERSOS 16 a 18

E FAZ QUE A TODOS, PEQUENOS E GRANDES, RICOS E POBRES, LIVRES E SERVOS: Esta parte nada mais é do que a totalização da sociedade. O sistema de governo da “Besta” tinha poder sobre todos os cidadãos. Os papas usaram muito bem este poder através da excomunhão e interdição. Excomunhão se aplicava a uma pessoa e interdição a um reino.

LHES SEJA POSTO UM SINAL NA SUA MÃO DIREITA: O sinal na mão é simbologia de prática, ações e obras. A mão, na imensa maioria das vezes que aparece na Bíblia, tem este sentido e também um valor simbólico. Veja **I Timóteo 2:8, Mateus 27:24**. Muitas outras passagens mostram que “mão” figura uma prática, ou alguma ação, ou obra com algum sentido. **Mão, nesta profecia, simboliza obras**. O que identificava uma pessoa como adoradora da “imagem da besta” era seu comportamento coerente com as leis ordenadas por ela. Literalmente, se trata de práticas católicas.

Ou nas suas testas. **Ser marcado na testa é uma simbologia de que a pessoa entendeu**, compreendeu e aceitou alguma ideia, seja religiosa ou não, boa ou má, santa ou profana. **Pois, tanto os salvos como os perdidos recebem o sinal na testa**. Veja Apocalipse 7:3, 9:4 e 14:1. O sinal era primeiro observado nas ações cotidianas, (sinal nas mãos). Caso isto não fosse evidente para a sociedade, a pessoa seria inquirida pelo Tribunal da Santa Inquisição. Ela devia, então, confessar sua crença nos dogmas da Igreja (confirmando o sinal na testa). De toda forma, as pessoas não somente aceitaram mentalmente como, também, suas ações concretas foram no sentido desta crença. Fé e prática juntas.

PARA QUE NINGUÉM POSSA COMPRAR OU VENDER: O sinal servia para controlar o comércio. **No tempo em que o Sacro Império esteve debaixo do controle papal, ser rico era uma heresia. O COMÉRCIO FOI PROIBIDO PELO DIREITO CANÔNICO**. Segundo este documento quem fizesse isto tinha cometido um crime condenado pelo próprio Cristo. A usura (empréstimo a juros) foi considerada um mal ainda pior.

A condenação do lucro no comércio era muito natural num sistema que produzia apenas para o consumo e em que o comércio, realizado em épocas de calamidade, somente traria problemas. Isso porque os comerciantes inescrupulosos poderiam aproveitar-se da situação, se a Igreja não os tivesse ameaçado com as penas do inferno.” (Arruda, p. 367)

SENÃO AQUELE QUE TIVER O SINAL, OU O NOME DA BESTA, OU O NÚMERO DO SEU NOME: Isto significa se identificar como um cidadão romano. Ter o “sinal” era uma identificação cultural e ter o “nome” era uma identificação civil. O “número” provém do nome. Noutras palavras, as pessoas aceitavam a ideia de pertencer à Igreja Romana e se comportavam como membros dela. Foi através da Igreja Católica Romana medieval com seus credos e suas práticas religiosas que tudo aconteceu. **Não havia como viver naquela sociedade sem respeitar os códigos espirituais da Igreja**. A Igreja era a instituição universal da época. Ser católico era obrigação de todos, ou a única coisa que uma pessoa tinha como direito. As pessoas aceitavam o catolicismo, ou tinham que ir embora do reino.

Pessoas ou grupos religiosos que não comungavam do mesmo pensamento eram perseguidos, excomungados e expulsos, e aqueles que comungassem com eles eram ameaçados também: “Nós, A IGREJA ROMANA,... ordenamos e exigimos que os Valdenses, Sabatistas, a quem os chama “os pobres do Lión”, e todos outros hereges que não podem ser enumerados, sejam excomungados da Santa Igreja... e saiam fora de nosso Reino e de todos nossos domínios. Todos os que, de agora em diante intentem receber aos mencionados Valdenses Sabatinos, e alguns outros hereges de qualquer profissão, dentro de suas casas, ou assistir a seus perniciosos cultos, ou os deem mantimentos, ou os favoreçam de alguma maneira, **incorrerão na indignação do Deus Todo-poderoso**”. From Jones’ Church History (Copiado da História da Igreja por Jones), Diretório de Inquisidores, “Decreto do Ildefonso, ano 1194 D. de C.)[1]

AQUI HÁ SABEDORIA. AQUELE QUE TEM ENTENDIMENTO, CALCULE O NÚMERO DA BESTA; PORQUE É O NÚMERO DE UM HOMEM: A Besta é um reino. O número não pode ser atribuído a um ser humano. E, mesmo que fosse uma pessoa, não poderia ser quem não viveu no Sacro Império. Nem mesmo o nome de um Papa pode ser utilizado. Quanto menos o nome de Jesus Cristo, como alguns querem. Se alguns nomes de pessoas resultam em **666**, não quer dizer que ela seja a Besta do Apocalipse, ou que tenha alguma ligação espiritual.

O número provém do cálculo do nome da Besta (reino), não do nome de pessoas! O número é utilizado para identificar quem marca e não quem é marcado. Quem tinha poder para marcar era a autoridade máxima dentro do Sacro Império Romano. Este poder era perseguidor da igreja. Deus não podia identificá-lo abertamente, por isso, usou de um código (uma criptografia) que seria encontrado através de um cálculo realizado pelos membros da igreja.

Sendo assim, o sinal não é visível, um chip, por exemplo, como pensam muitos. O sinal já estava na Besta, bastava identificá-lo. Foi isto que o povo de Deus fez. Calculou o número da besta e com o conhecimento deste código foi capaz de livrar-se das perseguições, fugindo para o deserto, ou seja, isolando-se da sociedade romana. O resultado do cálculo, o número 666, é utilizado para identificar o poder de um homem. No mínimo, então, é de bom senso utilizar o “nome” (título/autoridade) atribuído a um cargo de governo dentro do Sacro Império Romano, pois a palavra “nome” é, muitas vezes, aplicada na Bíblia com o sentido de autoridade. E, este cargo tem que ser único, pois a Bíblia diz: “um homem”. O quer dizer que ocupa posição ímpar na sociedade.

E O SEU NÚMERO É SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS: O Papado; cargo único na Terra; responde perfeitamente por esta simbologia, pois a

soma dos valores numéricos dos títulos atribuídos aos papas dá este número. Várias fórmulas de cálculo são sugeridas. Entre elas: **VICARIVS FILII DEI** (vigário filho de Deus), **VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS** (vigário geral de Deus na Terra), **LATINVS REX SACERDOS** (sacerdote e rei latino) e **DVX CLERI** (guia do clero). Utilizando o sistema de números romanos onde: D = 500, C = 100, L = 50, X = 10, V = 5 e I = 1, **todos os títulos acima somam 666.**

CONCLUINDO: Quem recebeu o sinal? Aqueles que se identificaram como romanos, que viveram debaixo da autoridade do Sacro Império Romano, que aceitaram o Papa como legítimo representante de Deus na Terra, que aceitaram o catolicismo com suas doutrinas e se comportaram em estrita obediência ao sistema vigente. Receberam o sinal aqueles que desejaram viver em paz dentro das fronteiras do Sacro Império Romano. Nos dias de hoje, também estão assinalados aqueles que não abandonaram aquelas crenças e práticas. “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas” (Apocalipse 18:4), esse é o recado de Deus para aqueles que lá estão.

Em suma, isto é suficiente para entendermos que a besta de 2 chifres foi o Sacro Império Romano, que sua imagem foi o sistema papal governando como os antigos césores e que seu sinal era o comportamento ou crença que identifica a pessoa com o catolicismo romano.

Há tantas especulações sobre o sinal da besta no meio religioso. Em sua imensa maioria interpretações não apoiadas no esquema profético e histórico dado pela Bíblia. **Deus deu a profecia e sua interpretação.** Veja isto no livro de Daniel capítulo 2 e 4, nos capítulos 7 e 8, em Apocalipse 17. Em todos estes casos houve um anjo interpretando a profecia. Nós devemos seguir o esquema dado pela Bíblia e apenas juntar a história e tudo é revelado.